

Uma imagem de escola que conheço

Lílian North dos Santos Martins

Alunos sem rostos

O que a pandemia fez com os rostos dos alunos? Onde foram parar as feições, os sorrisos, as expressões que guiavam o olhar dos professores para retomar um conteúdo ou mesmo para perguntar ao aluno; está tudo bem? As salas de aula no atual modelo, estão vazias de barulhos, comentários, trocas, apenas o professor fala e interage com ele mesmo. Onde estão os alunos?

Os danos que a pandemia deixou são perceptíveis, como: saúde, perdas das inúmeras vidas, perdas econômicas, patrimoniais e fatalmente educacionais, em todos os níveis escolares. Essas, serão contabilizadas no futuro, perceptíveis no presente, mas contabilizadas em um futuro muito próximo, com evasão escolar e futuramente redução da classe universitária.

Os professores, naturalmente são pessoas que gostam de pessoas, gostam de apreciar o crescimento e muitas vezes auxiliar no processo desse. Estar com o aluno, viver o aluno; um corte de cabelo, as espinhas, um penteado, um rosto abatido e os muitos sorrisos e olhares que fazem da docência algo muito mais leve. Tudo isso ficou no mundo anterior ao COVID. Todas as profissões precisaram mudar, mas e o professor? Sim, esse também precisou, a mudança faz parte e sempre será uma parte dos professores, esses vivem o real (ANDREIS, 2015). Os professores precisaram mudar, sem opção, sem demora; um camaleão pedagógico. Mas, e o aluno, mudou ou sumiu?

Onde os alunos estão? Eles estão nas salas, mas nem sempre estão com os professores.



Registro de aula para 3ª série do EM – escola privada na Tijuca

Os alunos estão conectados, mas quase sempre não estão presentes. Não possuem rostos, são somente nomes, não possuem voz, quando muito, um registro no “chat”. O professor atende aos poucos que interagem, faz o movimento de questionar o conteúdo a si mesmo, na tentativa de gerar curiosidade e debate na sala virtual. A verdade dita sobre a sala de aula, ser um bom caminho para se pensar e dialogar (ANDREIS, 2015) “caiu por Terra” em plena pandemia. Onde os alunos irão debater se não falam, como interagir se não há comunicação, olhares, expressões ou trocas, ainda que virtuais? Onde estão os rostos dos alunos?

A ausência de participação, nega o pensamento que a pedagogia engajada começa com a interação de estudantes e professores (HOOKS, 2020). Como passar tanto tempo fazendo uma auto interação? Precisa de muita motivação e querer tentar ensinar. O ensino parte da interação, e como interagir se nem mesmo vemos os rostos? Quando os alunos já passaram pelo período da puberdade, mais avassalador das mudanças físicas, conseguimos reconhecê-los facilmente, mas quando eles estão no período entre doze e quinze anos, cada ano é uma novidade. No ensino presencial, vemos eles crescerem, no remoto não acompanhamos isso e eles passam por nós para a próxima série sem que possamos vê-los. Esse fator é fundamental aos professores, ver e enxergar o aluno, sentir seu

conhecimento mudar a fisionomia da compreensão ao chegar em “EURECA”.

Um ano em ensino remoto ou híbrido, muitos alunos não foram vistos por seus professores, muitas vezes nem ouvidos. Os motivos dessa ausência podem ser diversos, não querer se expor, não ter um “cenário” que gostaria, pela estrutura local, não ter um ambiente familiar favorável entre tantos outros. Já ouvimos a frase, “em casa só amigos, colegas não”; agora os alunos precisam abrir suas casas para todos da sala de aula e professores, difícil compreender esse dilema. Talvez por esse e tantos outros motivos os alunos estão sem seus rostos, seus sorrisos, suas expressões.

O professor, continua sua luta, online, física ou qualquer outro formato, o camaleão se faz presente para levar o máximo de seu potencial ao aluno (sem luz ou aquele que precisa se alimentar), (ALMEIDA, 2010), ainda que a aula não possa ser com seus pensamentos no quadro, com seu caminhar pela sala de aula, com recostar sobre a mesa ao explicar; ainda sim eles continuam falando e se esforçando para ver os rostos, as expressões e ter alguma alegria em sua labuta constante e essencial a sua existência.

Referências:

ALMEIDA, E. N; **DA CONSTRUÇÃO DO “OFÍCIO DE ALUNO” – OBSERVANDO, OUVINDO E INTERPRETANDO VISÕES E VERSÕES DE JOVENS ALUNOS: uma pesquisa em duas séries da Educação Básica de uma escola particular de Belo Horizonte MG. 2010.** Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CALLAI, H. C; TOSO, C. E.I. (org). **Diálogo com professores, cidadania e práticas educativas.** Ijuí: Unijuí, 2015.

_____. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental.** Cad. Cedes Campinas, v. 25, n. 66, p.131 – 132, maio/ago. 2005.

FELDMANN, M. G. **Formação de professores e escola na contemporaneidade.** São Paulo: SENAC, 2009.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico**. Tradução: Bhuvi Libano. São Paulo: Elefante, 2020.

Sobre a autora:

Graduanda em Pedagogia (UERJ), Pós-graduanda em Psicopedagogia Institucional e Clínica (UCAM), Doutora em Ciência da Educação (UTAD), Pós-graduada em Educação Ambiental (UCAM) e Graduada em geografia (SUAM). Leciona na educação básica desde 2005 e ensino superior em 2021.